

resposta ao sr. João Gaspar Simões

P O R A M O R I M D E C A R V A L H O

II--O SR. GASPAR SIMÕES, O BOM-SENSE E A POESIA

Ao que nós afirmámos demonstrando, no livro «Através da obra do sr. António Botto», o sr. Gaspar Simões responde contraditando sem demonstrar. Já vimos isso no artigo anterior, mas não fugimos à tentação de dar um exemplo curioso. Dissemos porque considerávamos inferiores as passagens como esta:

A noite,

—Como ela vinha!

Morna, suave,

Muito branca aos tropeços.

O nosso antagonista discorda, mas esquece-se de dizer porque tais passagens são belas. Limita-se a pontificar que não percebemos as belezas da obra do sr. Botto, porque é estreita a nossa noção de poesia. E é estreita a nossa noção de poesia, porque lhe chamámos «exaltação idealista da realidade», e porque a considerámos implícita, também, em certas palavras.

Será este assunto, hoje, um dos tais problemas à margem da questão fundamental, de que falámos no artigo anterior.

O sr. Gaspar Simões escreve que a originalidade do sr. Botto está precisamente no «seu ir para a poesia através do prosaico». Ora, ir para a poesia através do prosaico poderá ser coisa muito original, mas é sempre admitir a distinção: prosaísmo — poesia. Esta distinção, de resto, está feita, há muito, pelo senso comum e pelo bom senso que, neste caso, andam juntos. E' um facto universal e de todos os tempos, em que estão de acórdio todos os homens sem preconceitos.

«Porque existe este acórdio (por mera comodidade reproduziremos o que já escrevemos, a este respeito, num estudo sobre a Técnica e a Poesia), quando o modo de sentir (na acepção mais idiossincrásica possível), o estado emocional de cada um, é, rigorosamente, uma incógnita para os outros? E' porque a designação de *poético*, embora não nos dê o modo de sentir, dá-nos, porém, em cada indivíduo, uma relação estável, fixa, objectiva, entre os diferentes modos de sentir, pelos quais ele reage emocionalmente diante de obras diferentes; e dá-nos, com respeito a todos os indivíduos, uma relação entre aquelas relações.

Fixar este sistema de relações («la science... est un système de relations» (1), e desde Fechner que a Estética deixou de ser mera actividade especulativa, para ser uma ciência), fixar este sistema de relações—dizíamos,—ver o que

ele contém de colectivo, de comum, de impessoal, de objectivo—eis o que nós pretendemos que a Estética e a Crítica devem intentar, ao procurarem definir o que seja a Poesia...

Se fizermos um rápido exame das obras chamadas *poéticas*, de todos os povos e de todos os tempos, qualquer que seja a sua atitude poética (épica, lírica, religiosa, patriótica, profética, etc.), veremos que este facto comum as caracteriza: o predomínio duma imaginação animista que tudo transfigura, idealiza e vivifica...

Isto dá-nos bem a diferença que existe entre a visão prosaica e a visão poética...

Mas porque se chamou prosaico (de prosa) ao que não é poético?

Prosa, para toda a gente, tem sido sempre a expressão verbal das ideias e dos sentimentos, dentro dos meros princípios lógicos innatos na inteligência. E', em resumo, uma coisa tão simples e espontânea, que, como o célebre personagem de Molière, há muita gente que faz prosa sem saber. Com um processo de expressão verbal tão simples e espontâneo, é óbvio que os homens, na sua vida banal e quotidiana, na sua vida mais prática, chã e comezinhã, por dá cá aquela palha, não faziam outra coisa senão—fazer prosa. Daí o tirar-se de prosa a palavra prosaico, para designar tudo o que é banal, quotidiano, prático, chão, comezinhão;—o que não quere dizer que a prosa só tenha esta missão inferior.

Porque os poetas criaram o verso, fugindo assim ao processo verbal de toda a gente, confundiu-se, um pouco, a poesia com o verso, e o vulgo mentalmente preguiçoso opôs a poesia à prosa. Mas, em verdade, a distinção está entre verso e prosa; e a poesia tanto pode estar na prosa como no verso, e tanto naquela como neste pode estar o prosaísmo.

Ora o nosso crítico resolveu considerar antinómicos um processo e um estado *sentimental*, quando aquele pode ser, até, o modo por que este se exterioriza. Complicar o sentido formal da prosa com um sentido psicológico, é baralhar sem vantagem. Nunca há vantagem em baralhar...

Vítima do lamentável equívoco do vulgo mentalmente preguiçoso, o sr. Gaspar Simões, com a sua antinomia

prosa-poesia, às bulhas com o bom senso, quando encontra poesia na prosa, tem afirmações angustiosas como esta: «O que nos conduz a um paradoxo: *ser a prosa criação quando é poesia*»; ou como esta: «Raul Brandão era um poeta ou um prosador? Raul Brandão era psicologicamente um poeta. As suas obras pertencem ao domínio da criação poética, embora o seu aspecto formal indique o contrário...»

Mas respeitamos, com boa vontade, a doutrina do crítico, e vejamos até que ponto o nosso antagonista se afasta da nossa noção de poesia.

A prosa é, para o sr. Gaspar Simões, em conclusão, um processo de análise. (2) E' a força lógica, pois, que, para ele, caracteriza a prosa (nós diríamos, como já vimos, o prosaico), aplicando-se, essencialmente, ao quotidiano, ao prático, ao material. Ora (conforme admite o crítico) se a poesia se opõe à prosa, ela, poesia, deverá afastar-se do quotidiano, do prático, do material. Transportar-se-á para o plano da idealidade, para a visão alucinatoria, para o êxtase, em que a nossa alma parece não tomar conta senão da sua realidade espiritual, tudo transfigurando através da sua própria essência anímica.

Els, no fim de contas, desembrulhada do lirismo crítico do sr. Gaspar Simões, a nossa «exaltação idealista da realidade». De maneira que ir para a poesia através do prosaico, será atingir a transfiguração (a idealidade) pelo esforço contra o processo anti-transfigurador da prosa.

Este esforço (se nos permittem tirar conclusões lógicas) é uma luta contra o rebaixamento do nível poético. Afinal, o sr. Gaspar Simões terá de estar em acórdio conosco: ser poeta através do prosaico, é ainda ser poeta, mas com degradação. Não nos digam que estamos a sofismar a tese do sr. Gaspar Simões. Ele é que a violentará, se não tirar a conclusão imposta pelas premissas.

Quere dizer: a nossa estreita noção de poesia não é nada estreita. E' tam ampla que envolve a tese em que o nosso antagonista (?) se debate.

Não obstante a sua vontade de transformar a poesia num mistério maior do que ela é (tudo na vida é, em última análise, um mistério), não obstante o seu prazer de tudo

complicar, o sr. Gaspar Simões tem, a respeito da poesia, passagens como estas, em que o seu espirito aflora à banalidade do bom senso:

«...Felicidade dos sonhos (*O Mistério da Poesia*, pg. 10)... Suspensão sobre o mundo das realidades emocionais quotidianas (pg. 11)... Dá-se uma transição entre o plano puramente intelectual e o sensível, emocional, sendo no segundo que o poema na verdade atinge a sua qualidade ou realidade poética (pg. 17)... Esse é o reino dos poetas, que não são deste mundo (pg. 58)... Embora grande parte das suas composições [de Cesário Verde] se confinem a uma evocação de ambiente e de cenas excessivamente reais, algumas há—na minha opinião as mais preciosas e sugestivas—em que a transfiguração e a alucinação transparecem (pg. 69)... Nos poetas puros—a transfiguração realiza-se como nos sonhos (pg. 73)... Exactamente como o poeta. O seu mundo espiritual é a única realidade por ele conhecida (pg. 94)... O poeta é um perfeito visionário (pg. 95)... Raul Brandão [poeta], para escrever, tem de conquistar esse espaço da alma onde o mundo não é como é, senão como ele o absorve e deforma (pg. 98)... A miséria, o grotesco, os baixos instintos, assumem nela uma tensão que não é a da realidade. Posso dizer, sem receio, que existem estilizados, embora uma tal afirmação pareça absurda ao leitor superficial (pg. 102)... Daí a força, a tensão, a irrealidade,—o tal excesso em que fala Keats como sendo a essência da poesia (pg. 105)...» etc., etc.

Deduz-se que o acórdio com a nossa noção de poesia (exaltação idealista da realidade) está patente no sr. Gaspar Simões, naquele *seu ir para o bom senso através do esforço para não ir*. Simplesmente, o crítico parece querer excluir da idealidade poética a intervenção da inteligência. Ora é exactamente a inteligência que dá sentido a essa idealidade, evitando que ela se perca no caos. A poesia equilibra-se, toma valor, no balançamento entre a alucinação e a realidade; e é a inteligência que mantém esse balanceamento.

O sr. Gaspar Simões chegou à sua insustentável conclusão, pela precária observação do que ele chama a «experiência poética» do leitor. Ao primeiro contacto lógico e racional com o poema, sucedem-se os estados sentimentais e de raptos (poéticos) em que o formal, o lógico, o racional se diluem. Daqui conclue (e com que bem-aventurada facilidade!) que a poesia nada tem com a inteligência. Fez-o-lhe provar que os estados sentimentais e de raptos não têm a sua raiz emocional

(Continua na página imediata)